

## Da Contracultura às Tribos da Cibercultura: uma perspectiva histórica para o debate atual<sup>1</sup>

Marcelo Pimenta e Silva<sup>2</sup>

Universidade da Região da Campanha – Urcamp, Bagé/RS

### Resumo

O presente artigo destaca a importância da contracultura na década de sessenta do século passado para o ativismo proposto por grupos no ciberespaço. Para tanto, o artigo propõe uma relação dos grupos contraculturais da década de 60 com os movimentos sociais compostos por ativistas ao universo do ciberespaço. O objetivo primordial é ressaltar que a busca utópica por novas formas de viver na sociedade ocidental foi influência direta para o surgimento de uma espécie de contracultura digital. A conclusão é que mesmo que os ideais propostos no passado estejam, de alguma forma, “assimilados” pela sociedade da Pós-modernidade, os valores acerca de uma luta contra qualquer forma de dominação, e poder absoluto, ainda permeiam novas formas de interação social no campo da cibercultura.

### Palavras-chave

Contracultura; informação; pós-modernidade; tribos urbanas; cibercultura.

### Introdução

Este artigo pretende ser uma humilde contribuição aos estudos referente às manifestações libertárias que eclodiram na sociedade a partir dos anos 60. O texto parte da tentativa de criar uma discussão, acerca do movimento denominado contracultura, estabelecendo, com seu resgate histórico, a possibilidade de observar na Pós-modernidade (como alguns teóricos chamam o momento histórico atual), a influência dos ideais divulgados a partir da década de 60 nos métodos de protesto de grupos ativistas contemporâneos que encontram suporte, para divulgação de seus protestos, no ciberespaço. Contudo, o ciberespaço não é apenas um “local” para que alguns desses grupos possam imaginar a construção de um mundo, em plena era de cultura cibernética, perfeitamente livre para realizarem uma espécie

---

<sup>1</sup> Artigo científico apresentado ao eixo temático “Redes sociais, identidade e sociabilidade”, do III Simpósio Nacional da ABCiber.

<sup>2</sup> Jornalista formado pela Universidade da Região da Campanha – Urcamp, Bagé/RS. É pesquisador integrante do Núcleo de Pesquisa em História da Educação e Comunicação Social – URCAMP Bagé, sob liderança da Pr<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Clarisse Ismério. Atua em pesquisas com enfoque nos temas: história da imprensa brasileira e suas relações com a política nacional; jornalismo alternativo; mídia e movimentos sociais; comunicação na pós-modernidade.

de revitalização do ativismo clássico e, também, apreender e divulgar ideologias contra o poder dominante. No contexto dessa realidade, baseada na tecnologia, novos sentidos de interação entre os mais diversos atores sociais proporcionam novas formas de sociabilidade. Portanto, a tecnologia, vista por alguns atores sociais nos anos 60 como um “mal”, algo que afastaria o homem de sua condição básica na natureza - e que para alguns críticos do contexto atual da cibercultura, resulte, hoje, em uma descaracterização ou numa “desconfiguração” dos indivíduos em identidades esparsas e fragmentadas, móveis em um espaço virtual -, pode, também, apresentar novas possibilidades de interação e socialização que vá além das caracterizações negativas impostas por alguns teóricos.

A sociedade atual designada como “sociedade informacional”, está atrelada a midiaticização e sofre uma mutação constante pela interferência dos meios tecnológicos de comunicação, como explica Sodré (2009). Essa nova representação social onde a esfera pública é pautada pela informação e sofre alterações pela produção incessante de informação via os ambientes digitais da nova mídia, caracteriza uma nova realidade e uma nova forma de vida. Sodré utiliza o termo “espelho midiático” que não reproduz, mas gera uma nova forma de vida; novos “[...] parâmetros para a constituição das identidades pessoais” (Sodré: 2009 p. 23). Mesmo que os tempos não sejam os mesmos, a internet pode ser idealizada como uma ferramenta, acessório ou “arma” para resgatar os ideais contraculturais.

Se a utopia, alimentada pelos ativistas na contracultura de constituir uma revolução mundial derrubando o sistema vigente, é vista como irrealizável nos dias atuais, pode-se entender que tal representação de algo “irrealizável” é apenas uma maneira do sistema via meios de comunicação classificar a contracultura como um projeto “arcaico” (encerrado em seus limites históricos) julgado pelo próprio sistema, que muitas vezes estereotipa e classifica a agitação social dos anos 60 (e de parte da década de 70), como um movimento datado e fracassado. Porém, revitalizar os preceitos de uma era e analisa-los sob a ótica atual, permitindo que a cibercultura, antes de promover um espaço de ação para ativistas, também ofereça, através de uma espécie de “contra-informação”, a possibilidade de discutir sua amplitude para a esfera pública tradicional, faz com que a tecnologia não constitua apenas um “palco” para meras trocas simbólicas entre grupos e atores sociais que busquem a identificação com outras tribos high tech - tendo apenas o sentido de pertencimento efêmero como característica principal das comunidades e redes sociais -, mas que vá além: constitua a consolidação de novas propostas, seja em socialização como na própria forma de referendar novas formas de comunicação alternativa aos grandes conglomerados de informação que

estabelecem o modelo atual de sistema econômico e político, sem aberturas para discussão e construção de uma nova sociedade.

Assim, pode-se ir além do conceito de tribos, ou grupos do ciberespaço, onde os atores sociais que utilizam a tecnologia estejam reunidos apenas pelo interesse de união pela celebração e, em seguida responsáveis por uma espécie de dispersão, como aponta Maffesoli (1988). O ciberespaço pode, sim, constituir e proporcionar a interação entre grupos ativistas, que mantém vivo no cerne de suas atitudes de protesto e reivindicação, a influência dos ideais da contracultura.

### **A contracultura e o projeto de vida comunitária**

Ainda hoje, muito se discute a amplitude da contracultura na busca por uma revolução social. O fato é que não se pode separar completamente os debates políticos, ressaltados em manifestações e agitações estudantis do Maio de 68 na França, com as apologias da “Era de Aquário”, difundidas pelos hippies em festivais de música e artes como o Woodstock, nos EUA, no ano de 1969. Em ambos, há o vínculo da ideologia política, como também o da união pela estética ou celebração. Esses modelos de sociabilidade decorrem do compartilhamento de interesses culturais, que com o advento maior da tecnologia, a partir da década de 50, resultará em uma relação de simbiose entre a técnica e a vida social, possibilitando, assim, o surgimento de grupos contraculturais e, posteriormente, das tribos urbanas, hoje relacionadas ao espaço virtual da cibercultura.

Se utilizarmos o pressuposto de Maffesoli (1988) sobre as tribos urbanas e analisarmos, sob sua ótica, os dois principais momentos da contracultura nos anos 60 - o Maio de 68 e o festival de Woodstock, no ano seguinte – veremos que os grupos participantes (universitários franceses e hippies americanos, respectivamente) convergem nos mesmos sentidos de características dionisíacas (emoção) associadas ao principal elo comum entre os grupos ou tribos: o sentimento de estar junto e pertencer a uma comunidade.

Porém, não é apenas pela ligação dionisíaca como se exemplifica na manifestação raver, onde os indivíduos celebram o “estar junto” em reuniões que revitalizam a busca pelas origens ancestrais, seja no ato de celebrar a interação dos corpos pela dança e a expansão sensorial via drogas e música eletrônica, a união de atores em busca dessa espécie de transe coletivo é herança contracultural como aponta Monteiro ( ), mas o importante é ressaltar o

“diálogo” entre tecnologia e manifestação social de cunho primitivo, ou seja, revitalizando a proposta psicodélica dos anos 60, para os dias atuais.

Apesar de a música eletrônica estar umbilicalmente ligada à tecnologia informática e demandar aparelhos de áudio e vídeo de última geração, as experiências multisensoriais vividas nas festas não deixam de atuar como um sinal de unidade entre o passado e o futuro. A rave se liga aos rituais tribais do passado, dando continuidade às manifestações iniciadas pelo homem pré-histórico. [...] Para que haja socialidade, é preciso um ponto de encontro. É a música que faz essa conexão entre tecnologia, comportamento, arte, informação e ciberespaço (MONTEIRO, Rafael do Prado. ).

Com isso, fica evidente a influência da proposta contracultural nas ações de grupos da cibercultura. Se alguns buscam a coletividade num espaço comunitário de interesse dionísio, outros buscam nas comunidades virtuais, trocas de informações que confirmam um interesse de mudança também política na sociedade. Essas novas comunidades estão cada vez mais amplas e “globais” através da tecnologia virtual.

A própria concepção de comunidade se dá no âmbito do moderno. São elas, as comunidades, continuadas sempre com a motivação de provocar a ruptura com as comunidades tradicionais. Portanto, só existe modernidade porque em sua ótica de ruptura com a tradição busca-se o fim de um modelo visto como nefasto por ser conservador. Para Palácios (1995) se houve o surgimento de comunidades na modernidade estas deveriam ter alguns elementos básicos: sentimento de pertencer; territorialidade (geográfica ou simbólica); caráter corporativo; exigência de um projeto comum; formas próprias de comunicação e a tendência à institucionalização.

As comunidades alternativas têm em comum o sentido de pertencimento. Esse sentido se difere do simples agrupamento por haver uma ligação constituída à participação de todos, em uma espécie de cooperativismo, podendo surgir de tal união, ações organizadas e projetos comuns. Um exemplo desse sentido de pertencimento coletivo está presente dentro do movimento hippie, onde a organização econômica se baseava em um sistema comunal, em que a principal produção seria voltada às atividades agrícolas, com todos da comunidade desempenhando atividades ligadas à produção alternativa para os padrões industrializados e estandardizados como única forma de progresso e manutenção de uma economia efetiva aos padrões da sociedade do século XX. Carmo (2001) vê a recusa à sociedade industrial e a busca do retorno à natureza como o legado de comunidades nômades que se espalharam pelo mundo naquele período e que ainda persistem em muitos lugares.

O discurso libertário que pregava o “mudar de vida” teve uma força maior nos EUA. Lá, novas formas de expressão se direcionaram para a política, música, cinema, artes plásticas, educação, além das relações intersubjetivas na família, no amor, no sexo, na comunidade, além da própria forma de se fazer o jornalismo, por exemplo, como salienta a professora de sociologia Irene Cardoso (2005). Para ela, a revolução social teve força maior nos EUA porque era necessária uma resposta mais contundente ao modo de vida, o lazer, a educação, a política, a cultura como um todo, que se tornavam administráveis e administrados para todos os atores em um sistema de “engenharia social”.

Em relação ao choque de gerações provocados na sociedade da época, a ruptura com a geração anterior teria sido mais radical, especialmente no que se refere às experiências com as drogas psicodélicas, ao misticismo oriental e às vivências em comunidade, experiências que, embora remontem a tradições anteriores, ao estarem articuladas em movimentos coletivos de contestação a certo modo de vida, pode ser considerada uma invenção dos anos de 1960. Essa geração empreendeu a busca de novas formas de sensibilidade que se tornaram radicalmente críticas em relação aos posicionamentos da geração de seus pais, considerada aprisionada a uma rotina conformista (CARDOSO, 2005). A influência de toda essa agitação social será evidente na cultura como um todo. No caso de ser um movimento composto na maioria por jovens, o gênero musical rock ‘n’ roll acaba incorporando slogans revolucionários, bem como os lemas do movimento hippie, produzindo, dessa forma, uma trilha sonora para a revolução social idealizada pela contracultura.

### **Os hippies e yippies: o nascer da contracultura cibernética**

Os hippies, a principal “tribo” popularizada na época, contou com suas idéias divulgadas através do movimento conhecido como “Flower Power”. Com influência das drogas alucinógenas se tornando uma constante na sociedade jovem ocidental, o “psicodelismo”, que nas palavras de Theodore Roszac é um estado social difundido a partir das experiências de Aldous Huxley e Alan Watts, em investigar a consciência com objetivo de recuperar o “valor de tradições culturais desprezadas, a partir do método de cultivo sistemático de estados de consciência anormais” (ROSZAC, 1972, p. 163), se estabeleceu como uma nova filosofia que passou a definir uma estética de arte e cultura pop da época. Os hippies buscaram na experiência com as drogas, no pacifismo, na revolução de costumes e valores, além da volta às atividades comunais e no discurso contrário ao sistema capitalista, o

sonho utópico de mudar a sociedade e o mundo. O sonho da contracultura estabelecido pelos hippies, logo foi incorporado ao sistema, que o tornou produto cultural massificado. Mas se a estética e a cultura alternativa gerada pelos hippies, em parte virou “moda” para o consumo global, a essência de suas propostas de ruptura com o sistema e a cultura dominante influenciaram também novas formas de sociabilidade geradas a partir daquele momento.

Na mesma época de explosão do movimento hippie surgiu nos EUA os yippies, uma espécie de dissidência mais politizada dos primeiros hippies americanos. Seus líderes eram os agitadores Jerry Rubin e Abbie Hoffman, ativistas que pregavam uma nova política de esquerda, esta unida ao movimento psicodélico, tendo como base para sua “revolução” aglutinar todos os movimentos de contracultura e subverter o sistema pregando em favor do sexo livre, da legalização das drogas, bem como da derrubada do poder da época. A força desse movimento se dá pela capacidade de aglutinação em torno de um ideal simples: subverter o sistema através da revolução advinda das mesmas armas que o governo utilizava: a propaganda agressiva feita pelos mass media em relação aos grupos contraculturais. Diferente do governo, que usava da publicidade para propagar, de forma explícita, a dominação cultural que resultava no apoio da massa frente ao regime - que naquele período acentuava políticas de repressão sob o viés da doutrina de segurança nacional, bem como investia maciçamente na Guerra do Vietnã - os yippies terão nos veículos de comunicação a oportunidade de levar à sociedade americana uma contracultura mais politizada e radical do que o simples pacifismo empregado pelos hippies.

Por isso, para responderem à altura ao governo americano, levaram ao pé da letra o conselho do filósofo canadense Marshall McLuhan (reverenciado nos anos 60 pelas suas idéias de apropriação da mídia como forma para divulgação de novos conceitos e ideias), produzindo publicações e manifestos políticos que reivindicavam a revolução social. Também ousaram ao empreender manifestações em plena televisão, entre outros atos polêmicos.

O legado dos yippies deu-se com a utilização da mídia para subverter o sistema. Sua influência para os novos grupos contraculturais do ciberespaço é explícita nos hackers. Muitos defendem que os yippies foram a primeira vanguarda hacker por atos como a subversão de sistemas telefônicos, originando assim o termo “phreaker”, (neologismo com as palavras “freak-phone-free”). Em artigo para a revista eletrônica de rock Senhor F, o jornalista Cristiano Bastos comenta o ativismo inovador dos yippies:

Em 1971, Abbie Hoffman e Jerry Rubin fundaram a primeira revista hacker da história, a YIPL/TAP (Youth International Party Line – Technical Assistance

Program), que ensinava passo-a-passo como montar um sistema phreaker. Havia, nessas ações, contudo, um forte apelo lúdico e a intenção de zombar com as situações: utilizando livremente as redes telefônicas, os yippies promoviam as famosas party lines. Nessas festas “em linha”, participavam pessoas dos mais diversos lugares do mundo e ninguém pagava nada. (BASTOS, Cristiano, 2005).

Essa ousadia de desestruturar o sistema através de uma espécie de “contra-comunicação” é influência posterior para diversas tribos urbanas que serão “geradas” nas próximas décadas: punks, darks, góticos, ravers, headbangers, neo-hippies e as tribos pertencentes ao underground high-tech. Assim, o ato de “rebelar-se” contra o poder dominante passa a ser estabelecido como uma cultura própria, o que faz com que se proliferem novos grupos, com novas propostas, clamando mudanças via tecnologia seu descontentamento com a sociedade e o mundo. Com isso, era criado um universo simbólico distinto do preconizado pelos mass media padronizados pelo capitalismo. O exemplo da influência da contracultura para as tribos urbanas e virtuais do século XXI é apresentado por Lemos (2002) que traça o paralelo entre os hippies e yippies com os phreakers e os hackers.

A formação do underground high tech é diretamente influenciado pela contracultura americana e pela consolidação da sociedade dos meios de comunicação. O desenvolvimento das tecnologias de comunicação, assim como as atitudes sociocultural dos anos 60-70, contribuem para a emergência de dois fenômenos muito importantes para a consolidação da cultura cyberpunk: os phreakers e os hackers, os primeiros e verdadeiros cyberpunks da rua. Como vimos, os cyberpunks tornam-se os precursores da cibercultura, criando a contracultura digital através de uma atitude contestadora do sistema tecnológico vigente (LE MOS, André: 2002, p. 215).

É importante ressaltar a importância desses dois grupos porque através de seus métodos e práticas de contestação ao sistema tecnológico podemos defini-los como os criadores do ativismo na cibercultura, tudo isso com a utopia de destruição do sistema via contracultura digital. Os phreakers, mais conhecidos como os primeiros ativistas digitais contrários ao sistema surgem no início dos anos 70.

### **Hackers e o tribalismo digital**

Desde os anos 80, os hackers ganharam espaço na mídia pelo comportamento rebelde e lúdico de usar o computador como meio para troca de informações, mas também para compartilhar gostos e interesses. Dessa forma, os jovens adeptos do hacking difundiram ideias e atitudes que os colocam como a primeira tribo da era da cibercultura, até porque eles foram os principais expoentes de toda a cultura cibernética desde a metade da década de 70 até os

dias atuais. Para Lemos (2002) “[...] os hackers são outsiders da informática que através de comportamento lúdico e criativo, tornam computadores não como uma simples ferramenta de cálculo, mas como um media de comunicação” (LEMOS: 2002, p. 233). Conforme o autor, os hackers formam uma tribo, sendo o hacking uma prática (tecnológica e astuciosa) contra a sociedade tecnocrática.

No mesmo texto, Lemos afirma que o computador para a tribo é visto como um parceiro de criação, da comunicação, da democratização e da liberdade da informação, contudo também se torna um instrumento viciante. Os hackers entendem que a cibercultura vai questionar os valores do sistema tecnocrático, como uma forma de apropriação social dionisíaca.

A partir dos anos 80 as tribos da cibercultura multiplicam-se a nível internacional e surge um modelo de contracultura digital. Dentro desse universo cibernético, novas “tribos” com ideais e características distintas, passam a se proliferar através da rede mundial de computadores. Os crackers, por exemplo, podem ser considerados como uma variação negativa e, muitas vezes, criminosa, ou como sugere Lemos, são integrantes de um grupo cuja “[...] atitude punk hardcore penetra de forma radical, violenta e anárquica no reino asséptico da tecnologia” (Lemos: 2002 p. 237). O fato é que os crackers são os responsáveis pela proliferação de vírus e a prática de crimes como invadir sistemas financeiros para roubar grandes quantias de dinheiro ou espionagem industrial, entre outros.

Outras tribos podem ser destacadas dentro do universo cyberpunk, tais como: cypherpunks, ravers, zippies, entre muitos outros. A maioria não tem o vínculo ideológico dos grupos ligados à contracultura, por isso se assemelham à definição de tribos urbanas compreendidas por Maffesoli (1988) que vê a socialidade compreendida pelo vaivém “massas-tribos”. Conforme ele, o neotribalismo é, atualmente, distinto dos agrupamentos formados nos anos 60 e 70 na contracultura americana e nas comunas estudantis europeias – pois compreende um período aonde o ir e vir é realizado sem a agregação definitiva, havendo uma interação constante dos grupos por intermédio dos bens simbólicos que são consumidos, ou como ele mesmo define: “[...] o neotribalismo é caracterizado pela fluidez, pelos ajuntamentos pontuais e pela dispersão” (Maffesoli: 1988 p. 107). A união dos grupos passa a ser estabelecida pela estética e pelo sentimento de pertencimento e pela revitalização do sentimento dionisíaco da celebração coletiva. Como afirma Lemos, o culto ao Dionísio “[...] representa o fim do princípio de individualização, a vitória do polimórfico” (Lemos: 2002 p. 69).

Portanto, se as ideologias não podem mais ser difundidas e estabelecidas em uma rebelião universal e conjunta, o que existem são micro rebeliões, algumas efêmeras, estéticas e lúdicas.

Assim, os ciberrebeldes não podem buscar “a” revolução, mas pequenas guerrilhas pontuais. A esquiva, o descaso e a maleabilidade são mais importantes que um ataque frontal. Afinal, se não existem mais ideologias, certezas ou esperanças, contra quem, e com que objetivo, poderia haver uma revolução? (LEMOS, André: 2002, p. 256).

Contudo, diversos grupos ainda buscam na inspiração ideológica do passado um diálogo com a tecnologia para confrontar o sistema dominante.

### **Revolução social na Pós-modernidade**

Estariamos vivendo de fato o fim da modernidade e caminhando a um novo tempo? Uma nova era para a compreensão do ato de pensar e manifestar-se em sociedade? Giddens (1991) destaca que: a modernidade está associada a um período da história em que emerge e se consolida um certo tipo de capitalismo. Para muitos, a modernidade se inicia com a expansão do mercantilismo, por volta do século XVII posteriormente mundializando seu estilo e seus costumes (Giddens, 1991, p. 11, apud Almeida). O mundo atual continua capitalista como antes, mas agora se estabelece em uma organização capitalista e informacional. O que se apresenta é uma sociedade em que o avanço da tecnologia acarreta em novas possibilidades de criação coletiva, uma delas é o trabalho desenvolvido em redes, o que resulta, segundo Pierre Lévy (1999), em um questionamento acerca do funcionamento das instituições e a divisão social do trabalho, o que irá transformar as condições de vida e da sociedade.

Pode-se observar uma relação de “herança” do ativismo digital da Pós-modernidade com as manifestações sociais dos grupos da contracultura. Foi nos anos 60 que começou a se difundir o termo “aldeia global” por causa do avanço dos meios de comunicação de massa, ocasionando, conseqüentemente, como símbolo primordial daquele período o começo das transmissões via satélite.<sup>3</sup> A expansão da comunicação em nível global se deve muito aos avanços tecnológicos proporcionados pela microinformática. O movimento inicial da cibercultura se dá com os jovens estudantes amantes da tecnologia que ambicionavam novas formas de comunicação. Esses jovens, em sua maioria, habitantes da mesma Califórnia, berço

---

<sup>3</sup> A primeira transmissão via-satélite foi com os Beatles tocando “All You Need is Love” na televisão britânica em 1967.

da mais famosa expressão contracultural, o Flower Power, no mesmo período, estarão, de certa forma, associados a toda a busca por novas alternativas de convívio e relação social.

A Pós-modernidade, pode ser entendida como a expressão de uma era em que corresponde à fase pós-industrial da sociedade de consumo (Bell, apud Lemos: 2002). Tempo em que há uma falência de discursos e da ideologia política como a que conhecíamos. O resultado dos questionamentos oriundos da contracultura vem à tona não como uma ruptura à ordem capitalista, mas sim, uma nova forma de conviver com a dinâmica monopolista do capital, bem como da relação da sociedade com o fazer política. É o que aponta Rouanet sobre a política atual: “[...] política segmentaria, exercida por grupos particulares, política micro-lógica, destinada a combater o poder instalado nos interstícios mais imperceptíveis da vida cotidiana” (ROUANET, apud LEMOS: 2002 p. 68). E isso ocorre com a força dos pequenos grupos sociais, das minorias, que ao usarem a tecnologia para trocar informação e, inseridas no mesmo espaço virtual, definirão a cibercultura como “centro difusor” para as novas manifestações sociais, culturais e políticas.

Pierre Lévy, estudioso da cibercultura, afirma que o ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem (Lévy: 1999 p. 31). Em artigo, Almeida (2006) reitera essa afirmação citando Manuel Castells, que observa a ligação da tecnologia pós-moderna com a intenção libertária dos diversos grupos sociais ativistas que surgiram a partir do final dos anos 60: “A revolução da tecnologia da informação difundiu pela cultura mais significativa de nossas sociedades o espírito libertário dos movimentos dos anos 60” (Castells, apud Almeida: 2006). Castells entende que a internet é o resultado de “cruzados tecnológicos” de uma geração de cientistas comprometidos com os ideais contraculturais, sendo que ao defenderem o acesso irrestrito à informação estavam retirando das mãos centralizadoras do exército e universidades, para popularizá-la em escala global.

Os novos movimentos sociais que surgem nos anos 60 e que redefinem valores influenciadores para o contexto atual são apontados por Almeida (2006), para determinar que vivemos numa era que está além dos feixes institucionais da modernidade, mesmo que ainda não estejamos vivendo em um período preciso como pós-moderno. Conforme ele, modos de vida alternativos àqueles institucionalizados pela organização social na modernidade são propostos e levados em conta por grupos heterogêneos. Para o nosso entendimento, esses grupos, mesmo que à margem e, com ideologias distintas dos ideais políticos comumente traduzidos como “subversão” nos anos de Guerra Fria, são influenciados pela contracultura e,

hoje, se conectam pela tecnologia proporcionada pela troca de informações na internet e, muitas vezes, se reúnem apenas por interesses hedonistas, como a celebração de viver o presente e do “estar junto”. Mas em compensação, indo além do estado de presenteísmo, há grupos de resistência que ainda mantêm uma identidade de cunho “revolucionária” em suas apologias na rede. São os ativistas digitais, como vimos anteriormente.

Por outro lado e com uma visão bem mais pessimista acerca da realidade atual, Visentini e Pereira (2008) confirmam que a Pós-modernidade está sendo gerada desde os anos 60 com a crise do capitalismo, sendo ela um fenômeno urbano da sociedade de consumo. Contudo, na visão dos autores, essa sociedade atual é resultado da desconstrução dos ideais dos anos 60, com a destruição da cultura moderna e do espaço público. Ou seja, o que estaríamos vivendo é uma era de niilismo e de disseminação de grupos de interesse privado, cujas características principais seriam:

[...] idéia de fragmentação (rejeição do pensamento nascido com o Iluminismo); denúncia da razão abstrata; aversão ao projeto de emancipação humana baseada na mobilização das forças da tecnologia, da ciência e da razão; aceitação do efêmero, do caótico; negação da idéia de processo, de totalidade e de progresso; rejeição do pensamento racional; não identifica vínculos com a lógica política e econômica ou relação entre poder e conhecimento; crença em um conjunto distinto de códigos e simbolismos; estruturação das “comunidades interpretativas”; culto às diferenças (alteridade) e às novas tecnologias de comunicação; “desconstrução” (relativismo em relação à produção e à recepção); rejeição as metanarrativas (pensamento fragmentado rompe com a idéia de sujeito, pois não há espaço para o mesmo no processo histórico); perda da temporalidade (abandono do sentido de continuidade e memória histórica); busca do impacto instantâneo; perda da profundidade e do que se pode identificar como sentidos essenciais. (VISENTINI, Paulo G. Fagundes, PEREIRA, Analúcia Danielevics, p.152, 2008).

Talvez, o neotribalismo presente na cibercultura seja a representação clara de um momento histórico onde as próprias instituições sociais de uma realidade capitalista vinculada ainda ao sentido de modernidade estão em questionamento. Tais modelos da racionalidade industrializada estejam em declínio devido à profunda crise econômica nos últimos anos, o que reforça o “desgaste” desse modo de vida e a procura por novos posicionamentos e atitudes dos mais variados grupos.

### **Considerações finais:**

A contracultura é tomada pela emergência do pensar em novas formas de relação social. Um discurso contrário ao consumo e ao progresso tecnológico que para seus principais

defensores escravizava e mantinha alienada a sociedade. Essas foram algumas das bandeiras levantadas pelos grupos da contracultura (que buscaram na aproximação com a sabedoria oriental uma filosofia que vá além da racionalização do homem via trabalho) como única maneira de conquistar a felicidade. Passados mais de 40 anos o homem não conquistou a felicidade utópica de viver num mundo sem regras, sem violência e sem a presença onipresente do capital, como instrumento da manutenção da própria sociedade. O homem atual convive cada vez mais com a tecnologia e ela não é o inimigo nefasto como era representado nos discursos hippie. Muito da própria celebração de reunir pessoas em prol do sentido de estar junto, como foi realizado em Woodstock há quarenta anos atrás, ganha atualmente uma proporção global via internet, o que possibilita que os mais diversos grupos com interesses em comum troquem informações de maneira livre, desestabilizando todo tipo de controle.

A herança da contracultura está aí: novos valores foram incorporados por instituições como a família, escola, bem como pela sociedade como um todo. A luta das minorias continua, mas muito já foi conquistado pelos movimentos sociais que ao fazerem - como os yippies no final dos anos 60 - viram que a tecnologia e os meios de comunicação são instrumentos poderosos para levar um discurso contrário ao que é apregoado pelos mantenedores do sistema. O legado para os “hippies” do ciberespaço, e toda e qualquer tribo urbana, grupo ativista ou movimento social, é que a Pós-modernidade é, sim, a presença efetiva de um discurso que celebre a liberdade individual tão exigida pela contracultura, e o melhor: está viva pelas interfaces da tecnologia nesta aldeia global, observada agora não com a imagem apocalíptica de uma realidade fria e impessoal.

Possibilitou-se que a tecnologia funcione como suporte de expansão de novas ideias e propostas. Se essas ideias podem ser reunidas em discursos políticos, é certo que uma nova sociedade se fará presente. A utopia da revolução não morreu e em tempos de crise, como a que vivemos atualmente, é necessária a liberdade das mais distintas vozes dos atores sociais dessa nova esfera pública, bem como a possibilidade irrestrita de troca de informações para contextualizarmos o nosso espaço na sociedade. E se ela vive (o espírito da contracultura) em todos os “malditos” e marginalizados, agora ela se espalha como focos de guerrilha no campo do ciberespaço, formando micros revoluções pontuais. Afinal, tanto a contracultura, quanto a cibercultura, têm o mesmo elemento intrínseco e humano: a busca pela liberdade individual contra todas as formas de controle e dominação.

## Referência bibliográfica

ALMEIDA, Armando. **A Contracultura e a Pós-modernidade**. 2007. Disponível em: <<http://tropicalia.uol.com.br/site/internas/producao01.php>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2009.

ASSIS, Érico Gonçalves de. **Movimentos em rede: ativismo político e mídias digitais**. Ecos Revista. Pelotas. EDUCAT, Universidade Católica de Pelotas, jan.-jun/2005.

BASTOS, Cristiano. **Youth International Party**. Disponível em: <<http://www.senhorf.com.br/agencia/main.jsp?codTexto=719>>. Acesso em: 21 de março de 2008.

CARDOSO, Irene. **A geração dos anos de 1960: o peso de uma herança**. São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ra/v44n2/8846.pdf>>. Acesso em: 18 de julho de 2008.

CARMO, Paulo Sérgio. **Culturas da Rebeldia – A juventude em questão**. São Paulo. Editora SENAC São Paulo, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. 2. ed. Rio de Janeiro, DP&A, 1998.

LEMONS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura**, Porto Alegre, Editora Sulina, 2002.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo. Editora 34, 1999.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 2 ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1998.

PALACIOS, Marcos. **O medo do vazio: comunicação, socialidade e novas tribos**. Salvador, Idade Mídia. Edufba, 1995.

PEREIRA, Carlos Alberto Messenger. **O que é Contracultura**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo. Editora Brasiliense, 1983.

ROSZAK, Theodore. **A contracultura**. Rio de Janeiro. Editora Vozes, 1972.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**/ Muniz Sodré. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

VISENTINI, Paulo G. Fagundes, PEREIRA, Analúcia Danielevics, **História do mundo contemporâneo: da Pax britânica do século XVIII ao Choque das Civilizações do século XXI**. Petrópolis, Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2008.